

HÉRCULES FURIOSO: A EPILEPSIA NA TRAGÉDIA GREGA.

Aluna: Paloma da Silva Brito
Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

Na tragédia de Eurípides, *Hércules*, encenada pela primeira vez em Atenas entre os anos de 420 – 415 a.c., a loucura, como é constante nas obras do autor, mais uma vez constitui um importante elemento que gera a ruína do herói no drama. Mas, especificamente nessa obra, a descrição da loucura revela aspectos de uma crise de epilepsia. Eurípides ao permitir a entrada da *Lýssa, a fúria assassina*, pela janela do palácio, parece compartilhar com a definição da palavra *Epilepsia*, ou seja, *o mal que vem de fora* e que acreditavam os antigos acometer aqueles que eram “*tocados pelo divino*”, daí a epilepsia ser chamada de *morbis sacer*, ou seja, a *doença sagrada*.

Objetivos

Verificar como, através da análise da tragédia euripídiana é notável o papel singular atribuída à loucura, na tragédia associada à epilepsia, que repentinamente e por ordens da deusa *Hera* se apodera do herói, e assim, possibilita a *peripécia* trágica, ou seja, *a reviravolta das ações em sentido contrário* [1]. A tensão trágica nessa obra irá se constituir na impossibilidade de considerá-lo responsável pelo extermínio dos filhos, como também se torna inconcebível julgá-lo inocente, uma vez que, a loucura é enviada como punição por desmedidas de outrora, que violam a estabilidade cósmica e a autoridade dos deuses.

Metodologia

Zeus, ansiando gerar um filho entre os mortais que ultrapassasse a todos em excelência e esplendor, descera ao mundo dos homens e ordenou a *Apolo* que não cruzasse o amplo horizonte durante três dias. Na forma do mortal *Anfitrião*, o maior de todos os deuses durante a calada da noite entrara no quarto da bela *Alcmena*, e concebe junto à virgem, *nesta noite três vezes mais longa do que as noites comuns*, seu filho chamado de *Triselenos*, porque filho da *lua tríplice*. Dessa forma está estabelecida a relação entre o herói e os poderes que irrompem a cada fase lunar: seja ele o salvador da Hélade sob os raios luminosos da lua cheia, o grande fecundador entre os homens quando envolto pelo poder da lua crescente, ou então, um louco sanguinário quando brilha no céu a sombria lua nova que jorra sobre o herói a perigosa energia da deusa-lua *Hécate*, a senhora dos malefícios que preside às aparições de fantasmas.

A astuciosa aventura de *Zeus* desperta a ira de sua esposa, a deusa *Hera* protetora das alianças e, por isso mesmo, a guardiã da fidelidade nos casamentos. *Hera* imbuída de um poder legítimo de vingança impõe implacável perseguição ao filho de *Alcmena*. Já nas circunstâncias do nascimento de *Alcides*, seu primeiro nome, que deriva de *Alké*, a *excelência guerreira*, a deusa preparara uma artimanha que tornaria o parto de *Alcmena* uma verdadeira tortura. *Hera*, enfurecida, ordenou a *Ílicia*, a deusa dos trabalhos do parto, sentar-se e esperar novas ordens no estábulo da casa onde *Alcmena* sofria de dores, lá também estavam as três *Moiras*, aquelas que tecem o destino. Já se passava dos dez meses de gestação, quando uma doninha, enviada por *Zeus*, cruzou o quarto e correndo em direção às deusas irmãs, assustou-as fazendo-as erguerem

as mãos, e possibilitando o desenlace do que havia sido atado. Nesse mesmo instante *Alcmena* tornou-se mãe. Ainda bebê, o jovem *Alcides* dormia no seu berçinho quando *Hera* enviou, do interior da terra trevosa, duas enormes e amedrontadoras serpentes para matar a criança. Mas ao contrário do que se podia esperar, o menino sentou-se no berço e começou a brincar com as monstruosas criaturas, e, enlaçando-as nos braços, estrangula as víboras. O pequenino causou um gracioso pavor naqueles que foram ao seu socorro, e demonstrou indícios do seu misterioso destino, que nem mesmo as deusas fiandeiras puderam tecer.

Durante toda a sua juventude o herói desafiou os limites impostos aos meros mortais, e durante um ritual de libação, *Hera* enviou do alto Olimpo a *Lýssa* (a raiva) e a *Anóia* (a demência), no exato momento em que o herói deveria esfolar duas presas diante do fogo sagrado. Ameaçador, seu corpo estremece e ele ataca seu primeiro filho, para lançá-lo às chamas purificadoras. Após aniquilar os seus, ele se dirige aos sobrinhos, e também sua esposa *Mégara*, que escapa pela porta. Assim que a fúria o abandona, o impuro gigante se desespera pelo *Akúsios phónos*, o “morticínio involuntário”, e segue rumo ao oráculo de Delfos e diante da sacerdotisa *Pítia*, recebe como resposta para a purgação de seus *miasmas* a ordem para se submeter aos serviços de seu primo *Euristeu*, iniciando os *doze trabalhos*, que cumpridos com esmero deverão torná-lo *Hércules*, ou seja, a glória de *Hera*, abrindo o caminho à imortalidade do herói.

Eurípides, por sua vez, desloca a tormenta de *Hércules* para além da realização de seus famosos trabalhos. Na versão trágica, o herói cintila gloriosamente após retornar do *Hades*, onde os mortos aguardam por canções, e salva sua família do cruel extermínio pelas mãos do tirano que governa Tebas. Mas a apoteose do herói se inverte numa cena monstruosa e apavora os espectadores da Hélade ao se lançar, em transe, contra seus filhos:

“Eis aí! Vê como sacode a cabeça desde a largada e, enviesadas, gira em silêncio gorgôneas pupilas; não controla a respiração como touro preste a investir, mas terrivelmente muge...” E mais adiante quando o mensageiro descreve o que ocorrera no interior do palácio: “Ele já não era o mesmo, mas alterado no esgazear dos olhos e com sangüinosas raízes protraídas, vertia espuma da espessa barba”. [2].

Conclusões

Hércules é um herói singular em todo o complexo universo da mitologia grega. Ele é o salvador de homens e deuses, libertou o mundo humano de criaturas monstruosas, e interveio em inúmeros conflitos e penúrias dos deuses olímpicos. Ele é o herói *Calínico*, glorioso vencedor, em referência ao seu mais ousado feito: a vitória sobre a morte. Nos versos de Eurípides, o herói trágico ao ultrapassar todos os limites impostos pela condição humana, inclusive a mortalidade, é metamorfoseado em “louco homicida”, e será despedaçado pelo delírio enviado por *Hera*. Através da repentina vibração de sua cabeça, o horripilante esgazear dos olhos e a repugnante espuma que sai pela sua boca – sinais inequívocos de uma crise epilética -, sua grandiosidade desmorona junto às paredes de seu palácio. A cidade temerosa, após o acesso de fúria, amarra o assassino contra os escombros de sua morada, assim que o enfurecido homem adormece.

Referências

- 1- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo : Ars Poética, 1993.
- 2- EURÍPIDES. *Héraclès*. Introdução, tradução e notas de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo : Palas Atenas, 2003.